

ALLAN KARDEC

DEOLINDO AMORIM

3.^a EDIÇÃO



- O HOMEM
- A ÉPOCA
- O MEIO
- AS INFLUÊNCIAS
- A MISSÃO

NOTA PRÉVIA:

Prof. Rubens C. Romanelli

APÊNDICE:

Demétrio Pável Bastos

Editado por iniciativa dos:

- INSTITUTO MARIA
- INSTITUTO DE CULTURA ESPIRITA DE
JUIZ DE FORA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

LIVROS ESPÍRITAS E OUTROS DE INTERESSE DOUTRINÁRIO:

Peça pelo REEMBOLSO POSTAL
do INSTITUTO MARIA.
Solicite catálogo.

Departamento Editorial do
INSTITUTO MARIA e INSTITUTO DE
CULTURA ESPÍRITA DE JUIZ DE FORA

LIVROS EM PREPARO:

- PERISPÍRITO E HEREDITARIEDADE
- PARAPSIKOLOGIA E ESPIRITISMO
- A EVOLUÇÃO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Digitalização e Notas:

PENSE - Pensamento Social Espírita

www.viasantos.com/pense

Novembro de 2010.

DEOLINDO AMORIM

ALLAN KARDEC

*** O HOMEM**

*** A ÉPOCA**

*** O MEIO**

*** AS INFLUÊNCIAS**

*** A MISSÃO**

NOTA PRÉVIA — Prof. Rubens C. Romanelli
APÊNDICE — Demétrio Pável Bastos

4ª. Edição
1981 - 9.º milheiro

Editado por iniciativa dos:
— INSTITUTO MARIA
— INSTITUTO DE CULTURA ESPÍRITA
DE JUIZ DE FORA

Í N D I C E

NOTA PRÉVIA pág. 5

ALLAN KARDEC pág. 9

APÊNDICE pág. 42

NOTA PRÉVIA

Redigida pelo

PROF. RUBENS C. ROMANELLI

NOTA PRÉVIA

Há pretensões que, por aberrarem das normas do bom senso, são de todo injustificáveis. Tal seria, por exemplo, a de prefaciara uma obra de Deolindo Amorim, principalmente quando se trata de obra destinada ao meio espírita, como é o caso desta. O autor, cujo nome é por demais conhecido, admirado e respeitado entre nós, dispensa qualquer apresentação. Tais e tamanhos são os seus notórios méritos, que um prefácio nada viria acrescentar ao seu renome, por mais ilustre que fosse o nome do prefaciador.

Por aí se vê, claramente, que outros, bem outros, são os motivos pelos quais compareço no limiar desta obra. Minha presença aqui, aliás, sobremodo honrosa para mim, só se justifica pela amizade do distinto casal, Demétrio e Vânia, dedicados diretores do Instituto Maria e do Instituto de Cultura Espírita de Juiz de Fora e responsáveis pela feliz iniciativa de publicar esta obra, repro-

dução de uma conferência proferida pelo autor naquela cidade. Pediram-me eles, gentilmente, ao ensejo de uma visita com que me brindaram, que eu escrevesse algumas palavras que à obra servissem de... de... de que mesmo não logrei perceber de pronto. Mas, para que eu não alimentasse mais dúvidas quanto aos objetivos visados, puseram-me logo nas mãos os originais do trabalho, que vi imediatamente tratar-se de uma biografia de Kardec. Depois de lê-los atentamente, compreendi, então, já inteiramente aliviado que o que eles discreta e delicadamente me solicitavam não era um prefácio, uma introdução, um preâmbulo, um proêmio, um prólogo, um antelóquio, ou que outro nome se lhe queira dar, mas apenas, como realmente me conviria, a opinião de um leitor e, diga-se de passagem, de um leitor que, por força de imerecida distinção, veio a ser o mais privilegiado dos leitores.

De início, parece-me relevante lembrar que uma biografia deve ser, antes de mais nada e, acima de tudo, obra de amor, na qual o biógrafo, sem que nem de leve o pretenda,

reflita, no conjunto, como nos detalhes, sua integração com o pensamento, o sentimento e, sobretudo, com a vida do biografado. Ora, em se tratando de biografar Kardec, ninguém mais qualificado, em nosso meio, para a execução dessa tarefa, do que Deolindo Amorim. É ele, com efeito, dentre quantos militam na tribuna e na imprensa espíritas, quem mais conhece, mais sente e mais vive Kardec. Sua obra é, pois, por todos os títulos, obra autêntica, porque obra filha de sua inteligência, de seu coração, de sua vida. Não foi sem encanto e embevecimento que a li e a li, forçoso é dizê-lo, sob a pressão de múltiplas e urgentes obrigações. Nada obstante, não pude resistir ao desejo de ir imediatamente ao fim, tão preso me achava à leitura, cujo conteúdo se me afigurava um prato de delicioso manjar, que eu saboreava com requintes de glotonaria. Eu sentia, antes de lê-la, que era indiscutivelmente grandiosa a figura do codificador. Mas, depois que o vi fiel e admiravelmente retratado por Deolindo, como o homem, que soube compreender e superar as influências de seu meio e sua

época, e como o missionário, que, em nenhum momento, sucumbiu ao peso de suas tremendas responsabilidades, senti, não me envergonho de confessá-lo, que ele era muito maior do que eu julgava.

Deolindo fez uma biografia à altura do biografado e a fez com aquele estilo leve e aquela linguagem didática, a que não faltam a clareza e a precisão, a fluência e a simplicidade, a correção e a concisão, qualidades, aliás, que nele todos nós aprendemos a admirar. Sua biografia não é simplesmente mais uma dentre quantas se têm escrito sobre a figura do codificador. Tem ela, para mim, sobre as demais, o mérito de ser, como está nas próprias intenções do autor, uma biografia eminentemente didática. Didática, sim, não no sentido de que, ao elaborá-la, o autor se tenha proposto presunçosamente ministrar algum “ensino”, mas no sentido de que ele se propôs humildemente, como ele mesmo o declara, “colher dados para o aprendizado”.

Rubens C. Romanelli

Belo Horizonte, maio de 1976.

DEOLINDO AMORIM

ALLAN KARDEC

*** O HOMEM**

*** A ÉPOCA**

*** O MEIO**

*** AS INFLUÊNCIAS**

*** A MISSÃO**

**Íntegra da palestra proferida no
INSTITUTO MARIA**

**A convite do
INSTITUTO DE CULTURA ESPÍRITA
DE JUIZ DE FORA**

Queremos dizer, prezados amigos e irmãs, logo de início, que a nossa palestra vai obedecer ao sistema geralmente adotado no **Instituto de Cultura Espírita do Brasil**, onde nos limitamos a fazer as nossas exposições, procurando enquadrá-las tanto quanto possível no método didático, deixando a assistência descontraída e à vontade, a fim de podermos trocar ideias. É o que acontece também aqui, uma vez que se trata de um curso.

Cabe-nos, nesta noite, a honrosa e pesada tarefa de falar sobre Allan Kardec, como encerramento de um ciclo de estudos históricos, iniciado com Swedenborg. Desejamos limitar nosso trabalho ao esquema que vamos apresentar, nos moldes das palestras no Instituto. Para começar, convém dizer que não será propriamente uma biografia de Allan Kardec, pois a vida do Codificador da Doutrina Espírita já está muito divulgada e, portanto, bastante conhecida; não poderemos, entretanto, deixar de fazer alusão a certos aspectos históricos, principalmente com referência à missão de Allan Kardec.

As biografias, como se sabe, podem ter objetivos diversos, dependendo do interesse e da posição do biógrafo. Podemos fazer uma biografia puramente informativa, com os dados cronológicos, como podemos, se for o caso, biografar alguém com o intuito de defendê-lo ou exaltá-lo. Temos, pois, a biografia simplesmente narrativa, que apenas alinha os fatos e as datas, a biografia apologética, que visa a glorificar ou defender, a biografia crítica, que é interpretativa por natureza, e assim por diante, até mesmo a biografia romanceada, como existem algumas. Muitas vezes se estuda a biografia de uma pessoa com o propósito exclusivamente didático, isto é, com a intenção de colher dados para o aprendizado.

No caso de Allan Kardec, por exemplo, não há o que exaltar, pois ele já está exaltado, não aos olhos dos homens, mas aos olhos da espiritualidade, em razão de sua obra. De modo que a nossa exaltação, por mais ardorosa que fosse não alteraria em nada a dimensão histórica de Allan Kardec. Muito menos caberia, aqui, uma biografia de defesa,

visto como ele próprio se defende perante a posteridade, apesar das críticas unilaterais e das agressões que sofreu sem jamais ter sido atingido. Continua a ser o mesmo homem, a despeito de tudo. Por sua vez, também não calharia bem, nesta oportunidade, uma biografia interpretativa, repassando aspectos que já foram por demais estudados e esclarecidos. Allan Kardec deixou uma obra para a Humanidade e cumpriu fielmente a sua missão, por todos os títulos, gloriosa. Cabe, agora, aos pósteros, aos que desejam ser discípulos do Codificador, honrar a obra e esforçar-se por vivê-la com toda a dignidade. Então, qual o objetivo de uma biografia de Allan Kardec, em se tratando de um curso como este? Naturalmente um objetivo didático: tirar a lição de que necessitamos, aprender com ele, através de sua vida e de sua obra, aplicando essa lição às diversas circunstâncias da vida. Mas não podemos dissociar inteiramente Allan Kardec da Doutrina Espírita. Claro que a Doutrina não é dele, é dos Espíritos, como ele próprio fez questão de acentuar. Não é o fundador do Espiritismo, já

se sabe. Todavia, e esta é a verdade, não se pode separar muito a pessoa de Allan Kardec da Doutrina que codificou: se não foi ele o autor, e é certo, foi o elemento escolhido pelo Alto, inegavelmente. Teve uma participação pessoal inconfundível e valiosa. Exatamente por causa de suas interferências, sempre oportunas, muitas questões doutrinárias foram elucidadas pelos mentores espirituais no trabalho de elaboração da Doutrina. Não foi apenas, como às vezes se diz, mero colecionador ou compilador. Não!

Para que compreendamos bem o papel que lhe coube desempenhar, precisamos reler Kardec, pois ele não se limitou à compilação sistemática. Interveio várias vezes, sensatamente, reformulando perguntas e provocando respostas mais elucidativas. Isto quer dizer, portanto, que a argúcia e o senso crítico de Allan Kardec penetraram em questões das mais delicadas, dando motivo a comentários pessoais e apreciações meditadas. Abramos *O Livro dos Espíritos*, principalmente, e lá encontraremos valiosos comentários de “pé de página”, o que demons-

tra, à sociedade, que Allan Kardec teve participação ativa e necessária colaboração da Doutrina, conquanto os ensinamentos básicos sejam dos Espíritos, o que, aliás, já é notório.

Hoje em dia, porém, o que mais nos interessa na biografia de Allan Kardec é a sua missão. Como se configurou a missão do Codificador do Espiritismo, naquela época? Em que sentido se afirma essa missão na vida atual? Se, como já dissemos, estamos procurando estudar a vida de Allan Kardec, não para mais exaltá-lo ou defendê-lo, mas extrair lições, devemos confrontar o passado com o presente e situar a missão de Kardec no momento, através da filosofia de vida que a sua obra nos legou. Dentro deste ângulo de apreciação, teremos de considerar, necessariamente, pelo menos cinco aspectos:

O **HOMEM** em sua **ÉPOCA**, em seu **MEIO**, as **INFLUÊNCIAS** que recebeu e, finalmente, a **MISSÃO**.

Vamos por partes, como se estivéssemos abrindo um livro e passando de um capítulo para outro.

ALLAN KARDEC - O HOMEM

O HOMEM é esse, que nós já conhecemos pela biografia que está no livrinho intitulado *O Principiante Espírita*¹, escrita por Henri Sausse, e nos resumos biográficos publicados em jornais e revistas, constantemente repetidos. Existe, no entanto, um trabalho que nos oferece uma versão um pouco diferente, com maiores informações, sem alterar a linha dos fatos básicos. É o livro, relativamente ainda novo, do escritor francês André Moreil.² Reafirmando tudo quanto já se conhece, com toda a fidelidade às fontes históricas, André Moreil trouxe uma contri-

¹ O *Principiante Espírita* não é de autoria de Henri Sausse nem de Allan Kardec. Esse opúsculo apócrifo foi publicado pela Editora Pensamento, contendo uma biografia do fundador do Espiritismo, escrita por Júlio Abreu Filho, e parte dos capítulos I e II de *O Que é o Espiritismo*. A editora LAKE (Livraria Allan Kardec Editora) publicou obra homônima com um resumo da Doutrina Espírita e biografia de Allan Kardec por Henri Sausse, confirmando assim a citação de Deolindo Amorim. **(Pense)**.

² Trata-se do livro *La Vie et l'Oeuvre d'Allan Kardec* (1961), do biógrafo francês André Moreil, lançado no mesmo ano pela Edicel sob o título *Allan Kardec, Vida e Obra*, traduzido por Miguel Mailliet, com revisão e notas de José Herculano Pires. **(Pense)**.

buição especial, tocando em pontos de que ainda não se havia tratado. É um enriquecimento apreciável, sem fantasiar, sem desfigurar a ordem das ocorrências e datas.

Já sabemos, por exemplo, que **Allan Kardec** é pseudônimo. Diz Herculano Pires que Allan Kardec nasceu a 18 de abril de 1857. Como, se a data do nascimento é 3 de outubro de 1804? Mas Herculano Pires esclarece: o Allan Kardec nasceu com a Doutrina Espírita, e a Doutrina veio com *O Livro dos Espíritos*, no dia 18 de abril de 1857, em Paris. Quem nasceu antes, em 1804, foi o professor Denizard Rivail. Ao identificar-se com a Doutrina, Denizard Rivail deixou o nome legal, o nome no registro civil e passou a ser definitivamente Allan Kardec.

Informa Sausse que Allan Kardec fora aluno de Pestalozzi*,³ fato muito sabido entre nós, antes de ser espírita, dedicava-se muito ao estudo do magnetismo, que estava a bem dizer em moda na França; também se sabe que, ainda como Denizard Rivail, escreveu vários

³ As palavras assinaladas * fazem parte do “Apêndice”, por ordem alfabética. **(Nota da Editora)**.

trabalhos de pedagogia, pois sempre viveu absorvido pelos problemas da educação, tendo apresentado, em forma de “Memória” uma contribuição à reforma do ensino em seu país, contribuição aceita pelo Governo francês. Tinha obras premiadas, já era um nome feito quando começou a interessar-se pelas comunicações dos espíritos. Quando entrou neste campo, que encarou com toda a seriedade, Allan Kardec já tinha sólida cultura humana e, ainda mais, uma embocadura filosófica muito penetrante.

Convém que assinalemos este ponto, embora de passagem. Enquanto alguns observadores e curiosos apenas se impressionaram com os fenômenos objetivos e deram testemunho, não há dúvida, enquanto outros, de categoria científica, fizeram experiências notáveis, ainda hoje válidas, mas não saíram do campo experimental, abstendo-se de fazer considerações doutrinárias, Allan Kardec foi além, porque embora também tivesse feito observações e experiências, tão criteriosas como as de outros interessados nos problemas mediúnicos, pressentiu logo as consequências de tudo isso pelo seu agudo senso

filosófico, pois atrás dessa fenomenologia até então desconhecida em suas verdadeiras leis, embora observadas em todos os tempos, estava a explicação dos mais sérios problemas do espírito humano.

Houve experimentadores que não tiraram nenhuma dedução filosófica dos fenômenos, conquanto tivessem tido o desassombro de afirmar a veracidade das provas, o que, aliás, é muito mais importante do que parece, justamente porque são testemunhos insuspeitos, uma vez que entre eles não havia preocupação doutrinária: entraram nesse campo sem compromisso com o Espiritismo, mas tiveram a hombridade intelectual, não muito frequente, de reconhecer a evidência e proclamá-la em seus depoimentos. Allan Kardec, que tinha outra formação, também partiu dos fenômenos, mas assumiu atitude filosófica.

O professor Rivail, como já vimos, teve sua fase notável como educador, mas deixou a vida pública, a bem dizer, a fim de se entregar aos problemas do espírito. Diz ele que começou em 1855, tendo trabalhado

com mais de dez médiuns. São passagens que estão na biografia que os confrades já conhecem. E daí por diante não parou mais, como todos sabem. Arrastado a esse terreno pela curiosidade dos que procuram não apenas os fenômenos em si, mas também as causas, partiu das “mesas girantes”, da tiptologia* e de outras formas de comunicação de **mortos**, mas pensou, a princípio, que o magnetismo poderia dar uma explicação total ou definitiva. Sabe-se que ele tinha estudos de magnetismo, que lhe foram muito proveitosos e chegou mesmo a aconselhar o estudo da ação magnética em conexão com o Espiritismo. Verificou, no entanto, que certo tipo de fenômenos escapa às possibilidades do magnetismo. Daí por diante, forçosamente teremos de reconhecer a predominância de uma força superior e, ainda mais, inteligente. Descortina-se-lhe um horizonte mais amplo, pois, agora, trava relações com o elemento espiritual ou extra-humano. É o mundo espiritual que vem, através dos mentores, dar o ensino original, a doutrina pura, pelo princípio da “generalidade e concordância”.

Lançado *O Livro dos Espíritos* em 1857, a obra basilar da Doutrina, desaparece o professor Rivail e surge ALLAN KARDEC, o homem que nós conhecemos, o orientador, o missionário que não se apagou na “voragem dos tempos”.

Na biografia de Allan Kardec, antes de ser espírita, ainda temos de observar dois pontos, não completamente esclarecidos. O primeiro é o que se refere à qualidade de médico. Teria sido ele médico, realmente? Há diversas referências. Notemos, porém, que o próprio Allan Kardec nunca fez referência a este ponto, ao que nos conste. Zeus Wantuil, nosso confrade, um dos mais conceituados pesquisadores neste campo, um erudito de largos recursos, fez um trabalho muito paciente neste sentido.⁴ Não há documento que prove a condição de médico. Há uma alusão de Richet, mas não basta. Embora indique Rivail como doutor em medicina, o professor

⁴ O trabalho citado é a detalhada biografia *Allan Kardec*, em três volumes, escrita por Zeus Wantuil em parceria com Francisco Thiesen e lançada pela Federação Espírita Brasileira. (**Pense**).

Richet não dá a fonte, não oferece uma pista para pesquisa. É verdade que Allan Kardec, ainda Rivail, ensinou matérias de curso médico, no Liceu Polimático de Paris: biologia, anatomia etc. Não nos esqueçamos, porém, de que ele era um homem de sólidos conhecimentos gerais. É admissível que tenha estudado medicina ou até completado o curso médico, ainda que não tivesse exercido a profissão, como inúmeras pessoas. Mas é uma inferência lógica, não é uma prova. E a prova seria o diploma ou pelo menos o nome da Escola onde teria estudado, como também a data. Fosse ou não fosse médico, pouco importa, pois a figura ímpar do Codificador não se altera por causa da existência ou não de um diploma. Entre as maiores glórias da humanidade, rebrilham em todos os tempos homens e mulheres que não possuíram títulos, não aprenderam em currículos regulares...

O outro ponto, ainda não apurado em pesquisa histórica, está na obra de André Moreil, escritor francês. Segundo Moreil, Allan Kardec teria pertencido à Maçonaria. Também não encontramos prova cabal, nem

mesmo citação na *Revista Espírita*, por ele fundada. O próprio Moreil, que fez excelente estudo biográfico de Allan Kardec, dando uma contribuição relevante, não encontrou, por exemplo, o registro da iniciação maçônica, o que constituiria o elemento principal de comprovação. A que Loja Maçônica estaria ele filiado? Em que época teria entrado para a Maçonaria? Moreil apresenta algumas analogias inegavelmente significativas.

Na época de Kardec quase todo o mundo queria entrar para a Maçonaria, que era uma instituição de muita força e projeção internacional; Napoleão III, como outros soberanos, fizeram parte da ordem maçônica, e Kardec frequentou o círculo de Napoleão III;⁵ a divisa “Trabalho, Solidariedade e Tolerância”, que Allan Kardec adotou e manteve no Espiritismo, lembra a trilogia da Revolução Francesa — “Liberdade, Igualdade e Frater-

⁵ Essa informação foi confirmada pela jornalista, escritora e tradutora inglesa Anna Blackwell (1816-1900), que conheceu pessoalmente Allan Kardec e sua esposa, Amélie Boudet, no seu prefácio à edição inglesa de *O Livro dos Espíritos*, por ela traduzido. (**Pense**).

nidade” — também usada pela Maçonaria. É um raciocínio apenas analógico, pois não há documentos a este respeito.

Mas não se faz prova histórica somente pelas coincidências. Nota o escritor francês, ainda mais, que o espírito de tolerância de Allan Kardec, o respeito à liberdade de pensamento e outros aspectos podem indicar suas relações com a Maçonaria. Refere-se, por exemplo, ao fato de haver Allan Kardec empregado a expressão Grande Arquiteto, na obra *Céu e Inferno*, quando se sabe que, na linguagem maçônica, o Grande Arquiteto do Universo é o criador, é Deus, em suma.

Por todas essas coincidências, André Moreil chega à conclusão de que o Codificador do Espiritismo fora iniciado na Maçonaria. A nosso ver, ainda é uma interrogação. Se foi iniciado, de fato, na tradicional instituição, cujo papel na História da Humanidade é dos mais importantes, Allan Kardec ficou em muito boa companhia. Léon Denis, por exemplo, pertenceu a uma Loja Maçônica. Enfim, para terminar esta parte, aqui temos o homem. Vejamos agora,

ALLAN KARDEC EM SUA ÉPOCA

Não se pode situar bem uma figura histórica sem levar em consideração a época em que teria vivido, pois o papel ou a missão que os homens cumprem na Terra, quer na religião, quer na política, assim como nas letras ou na ciência, têm certa vinculação às condições da época. É verdade que não podemos chegar ao exagero de dizer, em todos os casos, que o homem é fruto exclusivo de sua época, mas que é condicionado pelas circunstâncias históricas, não há dúvida. Não se pode estudar a vida de nenhum líder religioso ou político, nenhum escritor, nenhum filósofo com abstração da época e do meio. Ainda que seja para efeito didático, este aspecto também se torna necessário no estudo biográfico de Allan Kardec.

Homem do século XIX, século de profundas e agitadas discussões filosóficas, século em que se hipertrofiou muito o espírito crítico, Allan Kardec teve uma formação hu-

mana muito propensa ao raciocínio analítico, à controvérsia religiosa e filosófica. Entre outras doutrinas, que fizeram escola na época de Kardec, principalmente na França, podemos lembrar o Positivismo*, o Evolucionismo*, o Ecletismo*, sem falar no ceticismo* que invadia fortemente o pensamento das elites. As doutrinas de Augusto Comte* e de Spencer*, opondo-se intransigentemente ao sobrenatural e dando toda a ênfase ao “espírito positivo”, rejeitavam qualquer cogitação das primeiras causas.

Fora dos fenômenos objetivos, tudo era metafísica e, por isso, a indagação da inteligência devia parar no mundo sensível e desprezar qualquer preocupação com o além, a vida extra-humana, como se o problema não existisse. Fora da ordem natural, a inquirição teria que esbarrar sempre na metafísica, que o Positivismo repelia, ou perder-se no **incognoscível**, segundo a linha spenceriana. Entre a tradição espiritualista e os desafios da crítica frontal às velhas ideias, surgiu o Ecletismo*, que foi uma espécie de filosofia oficial, e tentou conciliar as posições anta-

gônicas ou corrigir os exageros do idealismo* sistemático, que negavam até a própria matéria (!...) e do sensualismo* dogmático, que pretendia reduzir toda a verdade ao campo dos sentidos.

Como intelectual, como homem de estudos filosóficos, vivendo em Paris, que era o maior centro de debates, Allan Kardec não poderia ficar absolutamente alheio às correntes doutrinárias de sua época. É aí, justamente, que se verifica o equilíbrio de Allan Kardec perante a crítica de sua obra. Como seria possível lançar uma doutrina tão diferente como a Doutrina Espírita, que afirma a sobrevivência do espírito fora da matéria e declara expressamente que “Deus é a causa primária de todas as coisas”, no ambiente europeu do século XIX? Allan Kardec não se deixou influenciar pelos antagonismos e, assim, manteve sua posição afirmativa, deixando a Doutrina inteiramente fora dos atritos. Por isso mesmo, é interessante e oportuno levar em conta, igualmente,

ALLAN KARDEC E O MEIO

Já vimos que o meio era a França inquieta, centro cultural que atraía a atenção do mundo ocidental. Impregnado de doutrinas contrárias à velha fé, mas também indiferentes aos altos problemas da filosofia espiritualista. Logo, não foi muito favorável o terreno em que Allan Kardec trabalhou, principalmente a partir de 1857, quando lançou *O Livro dos Espíritos*. Kardec não estava no Oriente, onde a ideia reencarnacionista, por exemplo, já é tão pacífica, tão corrente que parece ABC; estava sob o influxo do pensamento ocidental, defrontando-se com um meio cultural muito heterogêneo.

Como falar de reencarnação diante de tanto ceticismo e em meio a tantas divergências doutrinárias nos círculos intelectuais e, até certo ponto, na própria esfera religiosa? Allan Kardec, por sua vez, embora convicto em seus princípios, não tinha propensão mística no sentido devocional. Se ele estivesse noutra faixa cultural, como a dos grandes mestres do misticismo, naturalmente poderíamos dizer: encontrou terreno franco, tudo lhe foi fácil. Não. Além de

tudo, a Doutrina que então se lançava não era fruto de nenhuma escola oriental, mas uma Doutrina renovadora, com extensão capaz de abranger a exatidão experimental, como as perquirições profundas do raciocínio e, ao mesmo tempo, sem atrito, também os lampejos da fé esclarecida, harmonizando a razão e o sentimento.

A Doutrina surgiu de um meio que não era muito receptivo, porque as elites estavam absorvidas por discussões filosóficas de caráter mais acadêmico, sob a influência, ainda bem forte, do pensamento cartesiano*. Compreendeu bem Allan Kardec que a Doutrina viera à Terra com preocupações diferentes, fora e acima de qualquer bitola acadêmica, sem compromisso com esta ou aquela escola filosófica, sem subordinação a nenhum grupo de elite. A Doutrina vinha com a sua Mensagem, e essa Mensagem teria que ser comunicada a todos, através de linguagem simples e clara: mensagem que fala à inteligência pela luz da razão, mas também fala ao coração pela pureza do sentimento, pela força da fé sem medo e sem dogmas.

Convém lembrar, embora já tivéssemos tratado deste ponto aqui mesmo, em Juiz de Fora, por ocasião de uma de nossas palestras, que na Inglaterra, por exemplo, a tese da reencarnação encontrou objeções irreduzíveis, justamente porque o meio social não estava preparado para receber uma ideia de consequências tão amplas, como a das “vidas sucessivas”. Os próprios guias espirituais, prudentemente, aconselharam cuidado, pois ainda era cedo... Seria difícil vencer certas barreiras naquela época. Doutrinar a reencarnação, dizer ao aristocrata inglês do século XIX que ele poderia voltar à Terra na condição de criado doméstico seria quase uma temeridade. A ideia precisaria amadurecer, pelo menos em relação às condições socioculturais. Pois bem, apesar de haver encontrado um meio difícil, Allan Kardec cumpriu fielmente a sua missão. E se ele não tivesse demonstrado capacidade e firmeza, não tivesse sido humilde, mas conscientemente humilde, sem farisaísmo*, não teria sido o instrumento inconfundível na grande Obra. Mas não podemos considerar a época e o meio sem pensar igualmente nas

INFLUÊNCIAS

Uma das influências fundamentais, e que teve muita participação na vida de Allan Kardec, foi exatamente a sua formação de humanista*. Há nele, bem conjugadas na estrutura de seu pensamento, três linhas de pensamento bem definidas: **Humanismo***, **Racionalismo*** e **Universalismo***. Humanismo, em primeiro lugar, porque a época de Kardec sentia muito a influência humanista nas letras e artes. Havia mais preocupação com as ideias gerais do que propriamente com as técnicas, o conhecimento específico. E o próprio Allan Kardec, como já dissemos, era humanista, já pelos largos conhecimentos linguísticos, filosóficos, históricos, científicos, por exemplo, já pelo interesse, que sempre demonstrou pelo homem. A organização de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, que enfeixa, como todos sabem, as máximas morais do Cristo, demonstra seu forte pendor humano, tanto assim que teve o cuidado de selecionar, dos ensinamentos do Cristo, o que mais de perto diz

respeito ao amor ao próximo, como norma básica de vida. Sua época não era a dos técnicos nem das especializações sistemáticas. Toda a cultura se informava, na realidade, de um espírito humanista muito amplo. Daí, a visão de conjunto, a lucidez com que Allan Kardec encarava as questões que se lhe apresentavam. Abramos *A Gênese*, uma das principais obras da Codificação, e veremos em quantos campos de conhecimento a concepção humanista de Allan Kardec faz incursões: geografia, história, geologia, psicologia, antropologia, e assim por diante.

Apesar da distância no tempo, o racionalismo tinha muita significação no espírito crítico da época de Kardec. A influência cartesiana* tanto se fazia sentir no pensamento filosófico, como nos domínios das ciências e da própria literatura. Por exagero, instituiu-se o primado* da razão como instância suprema da verdade. É inegável a coincidência do pensamento de Kardec com a linha racionalista, e não poderia ser de outro modo. Lá está, entre outros passos da Codificação do Espiritismo, uma afirmativa cate-

górica: “A fé inabalável é somente aquela que pode enfrentar a razão face a face em todas as épocas da Humanidade”. É a tradução do espírito racionalista. E, mais de uma vez, a Doutrina Espírita faz apelo à razão.

Claro que na formação de Allan Kardec se refletiram certas influências de sua época, mas o Codificador do Espiritismo não se prendeu a nenhuma limitação. Se, realmente, encareceu a necessidade da prova dos fatos, e ele próprio julgou indispensável a experiência no campo fenomênico, não foi, contudo, um experimentalista* radical, fechado no círculo exclusivo dos fenômenos, pois a visão global lhe permitia encarar a comunicação dos espíritos também pelo prisma filosófico e pelas suas consequências; se deu muita ênfase à razão, se acentuou bem a importância do raciocínio claro, não foi um racionalista ortodoxo, entronizado na supremacia intelectual, indiferente a outros aspectos da vida; se reconheceu o valor da fé, como necessidade do espírito, não chegou à beatice nem aprovou atitudes contemplativas, mas preconizou cla-

ramente a “fé raciocinada” em contraposição à fé cega e passiva.

Dentro desta ordem de ideias, em que se conjuga uma síntese de razão e sentimento, de experiência e fé, tanto quanto de trabalho e moralidade, transcorre naturalmente, necessariamente o sentido universalista de seu pensamento.

Um homem como Allan Kardec, dotado de tantas possibilidades, detentor de uma cultura humanista muito bem organizada, não poderia deixar de ser um espírito universalista, com evidentes clarezas para compreender as manifestações da vida.

Então, e por isso mesmo, embora tivesse recebido a Doutrina pura dos espíritos, pois foram estes que transmitiram os ensinamentos originais, Allan Kardec imprimiu ao trabalho de codificação os traços de seu espírito, com toda a independência, sem subordinação a nenhuma corrente: o racionalismo, a propensão universalista, a supremacia dos valores morais, a iluminação pela fé, a exatidão das provas. Tudo isto, sem formar compartimentos fechados, está na estrutura da Co-

dificação do Espiritismo. Nesta síntese, portanto, se descobre inconfundivelmente a personalidade ativa de Allan Kardec, como que “de corpo inteiro”.

Não basta, entretanto, fixar Allan Kardec neste perfil histórico, aqui esboçado sumária e precariamente, bem o reconhecemos, pois é indispensável, como fecho, que nos voltemos, agora, para a

MISSÃO DE ALLAN KARDEC

Teríamos de partir, como partimos das influências absorvidas. No lastro dessas influências, que são relevantes na figura histórica do Codificador do Espiritismo, há um contingente apreciável de heranças espirituais. São os conhecimentos adquiridos no passado, pois ele já viera à Terra, no renascimento de 1804, com estrutura espiritual bem consolidada através de outras existências. Já se sabe de sua condição de sacerdote gaulês, em passado remoto, do qual há de ter trazido experiências valiosas. Se ele foi o escolhido

para a grandiosa missão de receber os ensinamentos do Alto e organizar a Codificação da Doutrina, é óbvio que já tinha, em si mesmo, a urdidura espiritual do verdadeiro missionário. O Allan Kardec racionalista, moralista, universalista naturalmente se preparou, com a bagagem do passado, para a obra missionária que realizou.

A organização da Doutrina Espírita tem diversos aspectos. Para codificá-la com toda a propriedade, dando-lhe condições de comunicar a todos, e não apenas a um grupo, uma escola etc., seria necessário, evidentemente, um homem que reunisse umas tantas qualidades indispensáveis. Antes de mais nada, um homem de mentalidade emancipada, capaz de ver com largueza de vistas. E aí, temos o legítimo humanista de cultura básica e ampla, o que lhe dava possibilidades de examinar as questões através de vários ângulos. Pela cultura humana e pelas vivências do passado, Allan Kardec possuía, portanto, antenas espirituais em todas as dimensões.

Como racionalista, e ele o era com todo o senso de equilíbrio, sabia analisar e crer sem fanatismo; não se empolgava com os resultados nem andava à procura de “prodígios”. Não lhe faltava, realmente, a necessária frieza para raciocinar sobre os fenômenos. Por mais específica que fosse a prova, nunca perdia a visão universalista das leis e da generalidade. E, por isso mesmo, a Codificação do Espiritismo não se dirigia somente à França nem ao Ocidente, mas à Humanidade, pois “os fatos dos espíritos são universais”. Quem quiser que aceite; quem quiser que ouça, quem quiser que veja, mas a Mensagem é indeterminada, sem configurações geográficas, pois a luz não pode ficar debaixo do alqueire, convém repetir sempre o ensino do Cristo. Os mentores espirituais encontraram nele, como se vê, o homem preparado para a missão.

Missionário, antes de tudo, por quê? Apenas pela competência intelectual? Não, embora o conhecimento humano seja um instrumento sempre necessário, mas não se faz um missionário exclusivamente pelo saber

científico ou filosófico. Naturalmente, pelo estudo e pela ciência se faz um douto, não um missionário, na acepção integral, se não houver, além disto, um conjunto de qualidades positivas: a humildade, a paciência, a tenacidade, a honestidade, o respeito à verdade, acima de suas próprias ideias e de seus interesses pessoais. Sem espírito de renúncia e, muitas vezes, de sacrifício, nenhum homem se torna missionário, ainda que tenha belos dotes de inteligência e muito acervo de cultura acumulada. Não apenas em relação a dinheiro, o que, aliás, ele demonstrou sobejamente, mas também perante os arrastamentos e as posições vantajosas.

Enfim, o missionário não corteja o poder, nem a liderança de massas, nem as glórias humanas: cumpre sua missão, e é tudo. Temos, aí, o retrato moral de Allan Kardec. E se não tivesse qualidades tão fortes como a humildade, não teria sustentado a obra, pois a missão teria falhado.

Convém situar a figura humana de Allan Kardec sem sair dos padrões de normalidade. Quando se fala em missionário, certas

peças pensam logo em cajado, barbas longas e vestimenta especial... Há uma imagem falsa de missionário, visto por este prisma, como se fosse um tipo excêntrico, socialmente desajustado como se vivesse fora do mundo! Seria um erro palmar confundir Allan Kardec, homem de sua época, homem de hábitos naturais, com a figura esquisita de alguns pregadores e peregrinos, que combatem as satisfações da vida, que **condenam** tudo e querem tomar o “reino de Deus” de assalto... Não! Allan Kardec cumpriu a sua missão, em tudo por tudo, viveu a vida de missionário da Causa a que se consagrou, mas nunca se apresentou como **dono** da verdade, jamais lançou condenações ou ensinou o desprezo do mundo. Foi um homem sociável, de hábitos simples, é verdade, sem querer aparecer como criatura diferente das outras, mas integrada na sociedade, ajustado aos costumes de sua época e seu meio.

Naturalmente, imprimiu à formação da Doutrina as características de sua personalidade: equilíbrio entre as coisas de César e as de Deus, entre os valores terrenos e os va-

lores espirituais. Não era homem de posições extremadas.

A reforma que Allan Kardec realizou no mundo não teve nem poderia ter um sentido de aglutinamento de multidões, foi uma reforma pacífica e persuasiva a fim de formar homens convictos, e não crentes devotos. Foi um reformador prudente, perseverante e profundo. Realizou uma reforma de costumes sem se julgar um ser carismático*, sem as pirronices dos moralistas de regras feitas, como aqueles que andam de palmatória em punho, reprovando tudo, como se eles próprios fossem perfeitos.

Allan Kardec tinha claridades espirituais para compreender e avaliar as fraquezas humanas, como tinha bom senso para ensinar sem ferir, pois sabia, como bom observador, como psicólogo da vida, que o ser humano não se corrige por ameaças nem por lições de moral condenatória. É necessário que a luz do conhecimento penetre na alma e que a vontade de não errar mais se desenvolva e fortifique pela convicção, pela experiência vivida. É problema muito individual. Cada qual tem o

seu momento psicológico para despertar, cada qual tem a sua “pedra de toque” para caminhar.

Allan Kardec pregou a reforma moral, ponto fundamental de sua vida e de sua obra, sem criar moral nova, sem instituir nenhum sistema dogmático, sem exigir penitências. Mostrou, sem subterfúgios, sem artifícios, que nos basta a observância dos ensinamentos do Cristo, e eis a moral mais pura e duradoura. Ensinou uma filosofia de vida, ofereceu instrumentos válidos para que a Doutrina Espírita possa ter influência fecunda na vida social, mas também nos faz ver que é necessário viver como homens de nossa época.

Podemos, pois, afirmar que Allan Kardec personificou, de fato, uma das maiores missões na Terra. Faz alguns anos, quando se discutiu a reforma de estatutos da Sociedade de Filosofia, no Rio de Janeiro, um de seus membros argumentou que Allan Kardec não poderia ser incluído entre os filósofos, uma vez que seu nome não é citado nos compêndios de filosofia adotados nas escolas. Mas a Codificação que ele nos

deixou aí está, e vem resistindo há mais de um século, enquanto as ideias de certos filósofos, mencionados em compêndios e tratados, já entraram em crepúsculo há muito tempo, já perderam sua expressão por falta de consistência.

A glória de Allan Kardec, glória espiritual, sem auréolas humanas, permanece inabalável, porque é uma glória sem crepúsculo, uma glória que se nutre da riqueza do espírito e não se confinou nas limitações históricas. E, por isso mesmo, ele é hoje, um sol que ilumina a humanidade pelos clarões do espírito!

APÊNDICE

Organizado por

DEMÉTRIO PÁVEL BASTOS

— Considerações sobre expressões e termos empregados por

DEOLINDO AMORIM na presente obra.

— Apresentação por ordem alfabética

CARISMÁTICO — Relativo ao **carisma**, palavra de origem grega (kharisma), significando “graça, favor, benefício” e, em sentido restrito, “graça do céu”.

Foi criada por Paulo para referir-se a “manifestações sensíveis dos arrebatamentos da fé” (Dicionário de Teologia Bíblica - Bauer - Edições Loyola).

Segundo os estudiosos da teologia, percebemos que o carisma guarda muita semelhança com a mediunidade, como seja: “falar em línguas”; “o carisma da linguagem extática” (ou seja, em estado de êxtase, isto é, mediunizado); o carisma da “sabedoria”, onde, quem não parece ter, revela profunda sapiência, tal como acontece com muitos médiuns semialfabetizados ou mesmo analfabetos; o carisma da “profecia”, para ler nos corações e predizer o futuro; o carisma do “discernimento dos espíritos”, identificando se por outro carismático (médium), fala um Espírito sério ou mentiroso; o carisma do “apostolado”, para levar a palavra de Deus etc.

Temos ainda o carisma de curar, de realizar prodígios, de pregar o Evangelho, de servir o próximo, de amar, e assim por diante.

Muito nos poderíamos alongar sobre isto, mas o que dissemos é suficiente para compreender a posição de Kardec, que nunca se considerou um ser carismático, isto é, agraciado com dons.

Naturalmente possuía ele, e em elevado grau, muitas das qualidades mencionadas, mas recusava-se a se sentir e a ser considerado como um homem privilegiado.

De fato não foi privilegiado com a missão de codificar o Espiritismo; mais do que isso, foi escolhido a dedo para fazê-lo.

Desta forma não se mostra como um “santo”, anulando com isso qualquer estímulo a ser colocado em nichos por fanáticos seguidores. Tal comportamento revela sua sabedoria e sua humildade.

Kardec foi o missionário da Terceira Revelação; mais do que um santo.

Glória a Kardec, “o sol que ilumina a humanidade pelos clarões do espírito!”

CARTESIANO — Referente ou pertencente a René Descartes (1596-1650), ou à sua doutrina, o **Cartesianismo**.

Dadas as dificuldades psicológicas e materiais para se estabelecer uma premissa tão perfeita que não suscitasse dúvidas, a fim de, sobre ela, erguer um pensamento filosófico, sugeriu Descartes: “Cogito, ergo sum” (Penso, logo existo).

Nos idos de 1637, edita “Discurso do Método”, que abalaria o mundo com quatro regras áureas para ensinar o correto uso do bom senso.

Educado na então crepuscular escolástica, sabia a heresia de seu comportamento racional que o fez “Pai do Racionalismo” e pai da “Filosofia Moderna”.

Seus rasgos de intuições o levaram a indicar a glândula pineal (epífise) como a sede da alma, que muitos espíritas consideram como a glândula da mediunidade.

O cartesianismo transmitiu à Doutrina Espírita frutos muito salutares, dada a posição de Kardec relativamente ao uso da razão (ver: “Racionalismo”).

Muita razão teve o Espírito da Verdade, quando disse a Kardec que os filósofos (antigos e modernos) eram precursores da eterna Doutrina Espírita. (“O Livro dos Espíritos” - perg. 145).

CETICISMO — Consiste em não concluir nunca o exame de uma questão, nem com uma afirmação nem com uma negação, mas em manter na dúvida, não esta ou aquela questão, mas todas elas.

Realmente, o avanço do conhecimento humano vem tornando cada vez mais difícil afirmar que uma coisa “é” ou “não é”. Com efeito, é tão extenso o rol das “conclusões” científicas, filosóficas e metafísicas, mais tarde rejeitadas, postas em dúvida ou substituídas, que se é tentado a repetir como Pilatos: “Que é a verdade?” (João 18:38).

Àquela indagação, Jesus não oferecera resposta, mas, de outra feita, quando pregava no templo, asseverara a um grupo de judeus que creram nele: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João 8:32) e,

de outra feita, afirmara: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”.

São orientações seguras que nada possuem de ceticismo.

Em Kardec, há comportamentos que lembram os de um cético: “Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea” (O Livro dos Médiuns - cap. XX, item 230).⁶

E mais: não elege ele nem a Verdade, nem mesmo o Espiritismo, como condição para se obter a salvação. Quando se refere, porém, à caridade, assegura sem vacilar: “Fora da caridade não há salvação”.

Kardec era sim, prudente e de invejável bom senso, mas nunca um amigo da dúvida, nunca um cético.

É exatamente graças a sua firmeza que o Espiritismo resultou na Doutrina da Fé Raciocinada, na Revelação da Verdade.

⁶ Esta frase célebre, erroneamente atribuída a Allan Kardec, foi proferida pelo espírito Erasto, conforme demonstra a citação.

COMTE (Auguste) (1798-1857) — Considerado o fundador do Positivismo.

Ensinava que o pensamento humano atravessou três fases: a teológica, em que se atribuía aos fenômenos em geral, a mão de seres divinos; a fase metafísica, em que a divindade foi substituída por seres não corpóreos; e a fase positiva, que considera unicamente a realidade fundamentada na experiência. Na última fase, a religião com Deus é substituída pela religião positiva, ou seja, pelo culto à Humanidade. Os santos católicos seriam substituídos por heróis da humanidade (Ver: “Positivismo”).

ECLETISMO — Método pelo qual certos pensadores buscam em cada corrente, o que nelas de melhor encontram. Todavia, não visam com isso a formar um todo, uma nova corrente.

A Doutrina Espírita guarda pontos de contato com muitos pensadores, não que Kardec neles houvesse ido buscar inspirações, mas, sem dúvida, neles buscou o confronto de ideias, para melhor consolidar as

suas. É natural, pois, vê-los refletidos aqui e ali na obra codificada. Apenas no Evangelho de Jesus, houve busca intencional.

Nota-se às vezes certa inadequação quanto ao uso do termo eclético.

Ora, se alguém diz: “Não tenho religião porque sou eclético”, está informando que, do catolicismo, tira alguns conceitos; do protestantismo, outros; do hinduísmo, outros mais; do Espiritismo, alguns etc., sem que se sinta filiado a nenhuma religião. Mas, quem é espírita, não é eclético, já que segue apenas o Espiritismo, o qual se constitui de um definido corpo de doutrina filosófica e científica, de consequências morais.

O que existe de bom nas outras doutrinas, religiões, filosofias e ciências está refletido e implicitamente contido no Espiritismo, que não é justaposição ou congérie incoerente de boas ideias.

Considerar Kardec um eclético e o Espiritismo um ecletismo seria não lhes reconhecer as ideias próprias, seria não considerar o Espiritismo o organismo doutrinário ímpar que ele é.

EVOLUCIONISMO — Filosofia que faz da ideia de evolução um princípio de explicação científica, como, por exemplo, a de que as espécies superiores são a resultante da transformação das espécies inferiores. Aplica-se também ao campo da psicologia, da moral etc., donde haver uma psicologia evolucionista, uma moral evolucionista etc.

O evolucionismo opõe-se ao fixismo, doutrina segundo o qual as espécies existem tal e qual Deus as teria criado, admitindo-se algumas variações, mas, nunca, a transformação de uma espécie em outra.

O mais célebre defensor do fixismo foi George Cuvier (1769-1832), Pai da Anatomia Comparada e precursor da Paleontologia, ciências que, paradoxalmente, lhe puseram nas mãos todos os dados para fazê-lo evolucionista. Os mais célebres evolucionistas foram Lamarck (1744-1829) e Darwin (1809-1882). O holandês Hugo de Vries (1848-1935) ofereceu significativa contribuição a essa doutrina, ao descobrir as mutações.

Ao que parece, Darwin também exerceu influência em Kardec, o que se pode constatar, se compararmos o que se lê em “O Livro dos Espíritos” (perg. n.º 59) (edição definitiva) e em “A Gênese” (cap. X - item 26).

No primeiro, diz o Codificador: “Tão pouco admissível é... a hipótese de uma origem comum para o lobo e o cordeiro, para o elefante e o pulgão, para o pássaro e o peixe”. Aí, Kardec não se mostra evolucionista.

No segundo, diz ele: “Acompanhando-se passo a passo a série dos seres, dir-se-ia que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior”. Ei-lo aí, inteiramente evolucionista.

Comparemos as datas:

1857 (18.04.1857) — 1.^a edição de “O Livro dos Espíritos”.

1859 (24.11.1859) — 1.^a edição de “A Origem das Espécies”, de Darwin.

1860 (18.03.1860) — 2.^a edição de “O Livro dos Espíritos” (edição definitiva).

1868 — 1.^a edição de “A Gênese”.

Embora o tema não fosse novo, o impacto da teoria evolucionista somente foi sentido após a publicação de “A Origem das Espécies”, de Darwin.

Como a edição definitiva de “O Livro dos Espíritos” ocorreu apenas três meses e vinte e quatro dias após o lançamento do referido livro de Darwin, pode-se dizer com segurança praticamente absoluta, que foi escrito antes que Allan Kardec tivesse podido ler a obra do célebre evolucionista. Isto ajuda a compreender porque o Codificador não se mostrou evolucionista na primeira obra da Codificação.

Seria de admirar, porém, que o humanista Kardec, oito anos depois de editada “A Origem das Espécies” não a houvesse lido e estudado. Tal convicção é reforçada pela clara presença das ideias darwinianas em “A Gênese”, como mais acima expusemos. Embora estas considerações não constituam prova de influência, podem ser tomadas como hipótese altamente provável . Aliás, outro não foi o trabalho de Deolindo Amorim, com seu “Allan Kardec”, senão o de dizer que

também o grande Codificador, como todo ser humano, esteve sujeito às influências da época e do meio.

Como sempre o faz, Allan Kardec não se restringe às considerações de ordem material, por mais belas que sejam, como de fato o são. Saltando o muro fronteiriço, pisa no chão do mundo espiritual: “Haveria assim filiação (gênese) espiritual do homem, como a filiação corporal.” (A Gênese — cap. XI - item 23).

Não se pode dizer que o Espiritismo não seja uma doutrina evolucionista. Sem dúvida, ele o é, mas de uma forma bem diferente, muito mais profunda, infinita mesmo. Ademais, o Espiritismo sustenta que a Evolução se assenta em planos adrede elaborados, e não como obra do acaso, ou apenas em razão de condicionamentos fortuitos.

EXPERIMENTALISTAS — São aqueles que encaram a experiência como fonte de conhecimento.

Conceito de “Experiência”

Popularmente, experiência indica “vivência”, quer geral, quer específica (experiência da vida ou de determinado assunto).

Filosoficamente, experiência é a percepção gerada por estímulos, externos ou internos, donde a experiência sensitiva e experiência intelectual.

Empirismo

Quando determinados conhecimentos podem ser adquiridos **unicamente** pela experiência externa, dizemos que ela é empírica. Por exemplo: o calor.

Existe um uso popular, pejorativo, para o termo empírico, mas científica e filosoficamente, é considerado como riquíssima fonte de conhecimento.

Os empiristas sustentam, porém, que **todo** o conhecimento é fruto da experiência exterior (Nada existe na mente que não haja passado antes pelos sentidos — Aristóteles).

Conhecimento não empírico

Kant nega a ortodoxia desse postulado, ao sustentar a tese da existência da “razão pura”, isto é, “a priori”, ou seja, aquela em que o conhecimento é anterior à experiência e independente dela, sem que, com isto, negue o conhecimento “a posteriori”, ou seja, aquele conseqüente e posterior à experiência.

O conhecimento puro é inato, enquanto o segundo é adquirido.

Pode parecer que certos conhecimentos, em determinados indivíduos (como a genialidade), sejam “a priori”, mas podem ter sido adquiridos em encarnação anterior. O próprio instinto há de ter sido adquirido no desenrolar da fieira evolutiva.

Mas Kant nos fala de uma razão **pura**, isto é, anterior a qualquer estímulo, em qualquer época.

Em sua metafísica, nos aponta como que a centelha divina gravada no Espírito, quando de sua criação.

O Espiritismo e a Experiência

O Espiritismo tem em alta conta a experiência, a ponto de dizer Kardec que a Doutrina “procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando-se o método experimental” (“A Gênese”, pág. 19). “O Espiritismo é uma ciência de observação” (“A Gênese”, pág. 20). “No Espiritismo (o estudo do princípio espiritual) é inteiramente experimental” (“A Gênese”, pág. 88).

O Espiritismo e o conhecimento adquirido

O Espiritismo entende que há mais de uma fonte para aquisição de conhecimentos:

1º - A experiência — tanto aquela oriunda da simples vivência, como a que vem da investigação científica: “A Ciência lhe foi dada (ao homem) para seu adiantamento em todas as coisas” (“O Livro dos Espíritos”, perg. 19). Os conhecimentos advindos da experiência são ditos “a posteriori”.

2º - A revelação — “Deus pode revelar o que à ciência não é dado apreender” (“O Livro dos Espíritos”, perg. 20). Conhecimentos hauridos por essa fonte nem são “a pos-

teriori”, porque não são consequentes a experiências, nem são “a priori”, porque não são inatos: são simplesmente revelados.

O Espiritismo e o conhecimento “a priori”

“(A fonte da inteligência) é a inteligência universal” (“O Livro dos Espíritos”, perg. 72).

Reconhece, portanto, o Espiritismo a existência de conhecimentos que, para o Espírito, são “a priori”, pois são por ele incorporados independentemente de qualquer experiência ou revelação.

Não se trata aqui de conhecimentos particulares, mas daqueles básicos e gerais, como a capacidade de formar conceitos e de compreender tudo quanto não é experimental.

Por exemplo: que dois mais dois sejam **sempre** igual a quatro, não pode ser demonstrado, mas a RAZÃO PURA nos diz que só pode ser assim.

Outro exemplo: a circunferência tem infinitos raios; portanto, não podemos medi-los todos, mas afirmamos com segurança que são todos do mesmo tamanho.

Conclusões

Tanto o Positivismo, como o Espiritismo, consideram que a experiência é uma fonte de conhecimento; mas o primeiro leva em conta apenas essa fonte, ao passo que a Doutrina Espírita além de reconhecer outras fontes, segue nas investigações, a partir do ponto até onde as ciências podem atingir.

Portanto, embora se utilize da experiência e dela faça uso, o Espiritismo não deve ser qualificado como Doutrina experimentalista.

Com efeito, ela é ÚNICA.

FARISAÍSMO — Seita dos fariseus, que, ao lado da dos saduceus e da dos essênios, constituíam as três principais da religião judaica.

Os **essênios** procuravam seguir minuciosamente a lei de Moisés e se caracterizavam por elevado padrão de moralidade. Há quem queira ligar a eles, sem bases mais sólidas, a figura de Jesus.

Os **saduceus**, isto é, “descendentes do sacerdote Tsadoq”, constituíram-se de elementos da alta aristocracia sacerdotal. Ne-

gavam a sobrevivência da alma, a existência dos anjos e dos espíritos.

Os **fariseus**, isto é, “separatistas”, constituíam a seita mais segura. Criam na imortalidade da alma, na existência do espírito e alimentavam até ideias sobre a reencarnação. Valorizavam porém, demais, as práticas externas, ainda que em detrimento dos ditames do coração. Com o tempo, os componentes desta seita se tornariam de tal forma viciosos, que passaram a ser objeto de escárnio geral. Jesus e João Batista os chamaram “raça de víboras”. Não obstante, pelo menos dois nomes se salientaram dentre eles: Paulo e Gamaliel. O termo “fariseu” é empregado como sinônimo de “hipócrita”.

HUMANISTA — Adepto do Humanismo, significando:

a) Movimento filosófico e artístico, surgido na Renascença, que deu origem à cultura moderna;

b) Qualquer corrente de pensamento cujo interesse esteja voltado para o Homem.

Emergindo da milenar Idade Média, em que a busca de Deus não lhe oferecera senão desilusões, esse Homem pesquisa novos caminhos que justifiquem o gosto pela vida, o que o faz olhar também para si mesmo.

Detentor de vasta cultura humanista, Kardec se destaca entre seus pares, pois seu interesse pelo gênero humano é todo especial: ao codificar a Doutrina Espírita, preocupa-se com o destino eterno do Homem.

Considerando como Homem o ser encarnado ou não, o Espiritismo reflete a mais alta expressão do Humanismo.

IDEALISMO — Doutrina pela qual se afirma que os corpos possuem existência apenas ideal em nossos espíritos, negando, portanto, a matéria e o mundo.

Se nos recusamos a discutir em pormenores esta empolgante tese, é por exigir demasiado espaço.

Mas não custa lembrar que, para os espíritos desencarnados mais evoluídos, o nosso mundo material, não lhes oferecendo obstáculo, em certos ângulos, é como se não

existisse, enquanto, para os menos evoluídos, necessário se faz até abrir-se-lhes a porta, para que possam entrar em uma casa. Tais diferenças de comportamento se devem à posição mental em que cada um se encontra.

Portanto, o nosso mundo material, em muitos casos, pode ou não mostrar-se consistente, dependendo de como é idealmente considerado.

Na visão dos idealistas, nem tudo é para se desprezar: há aspectos reconhecidamente úteis, principalmente para os psicólogos, e largamente explorados pelos físicos.

Entretanto, os malefícios da ortodoxia (de que Kardec, pelo seu equilíbrio, sempre se manteve afastado) prejudicam o conceito de nossa realidade: em nosso mundo, existe a nossa matéria, a cujas leis temos forçosamente de curvar-nos, de vez que suas exigências nos oferecem magníficas oportunidades para o exercício espiritual, indispensável à nossa evolução.

“... espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe ...” (“O Livro dos Espíritos” - perg. 27).

PESTALOZZI (Jean Henri) — Suíço, nascido em Zurich, aos 12/01/1745. Exerceu marcante influência na introdução da Psicologia na educação, foi mestre de Denizard Hippolyte-Léon Rivail, desde a infância, pela altura dos dez anos de idade. Dotado de “suave energia”, bondoso e desprendido, foi um anjo bom a cujas mãos o Alto confiou a tarefa de modelar o caráter daquele que seria o Missionário da Doutrina Espírita. Este fato se reveste da maior importância se nos lembrarmos de que é justamente na infância que o Espírito “é mais acessível às impressões que recebe”. É indiscutível a influência benéfica de Pestalozzi na obra de Kardec.

POSITIVISMO — Grande corrente filosófica surgida na Europa, na segunda metade do século XIX. Considera-se Auguste Comte seu fundador.

Segundo o Positivismo, só é possível ao homem conhecer o real, isto é, o mundo interior, naquilo que ele tem de observável, experimentável, comparável, previsível segundo leis. Dessa conceituação, ficam ex-

cluídas, obviamente, a teologia, a metafísica e, em geral, toda ideia religiosa baseada na revelação ou especulação. Ele não cogita das causas que escapam a tais métodos de pesquisa, como a “Causa Primária”: Deus não conta para os positivistas.

O mediunismo é tratado pelo Espiritismo à luz do método experimental, donde ser lícito inferir-se que ele obedece a exigências que lembram as do Positivismo. Aliás Kardec chega a dizer que “o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental” (“A Gênese” - pág. 19).

Mas a simples pergunta n.º 1 de “O Livro dos Espíritos” (Que é Deus? Inteligência suprema, causa primária de todas as coisas) exclui qualquer tendência para se considerar o Espiritismo como doutrina positivista; em primeiro lugar, porque seu objeto são justamente as leis que regem o desenvolvimento e as manifestações do princípio espiritual, e, em segundo lugar, porque se vale de outros métodos e fontes de conhecimento, como a revelação, a intuição etc.

PRIMADO DA RAZÃO — Expressão empregada pelos que consideram que a razão é a única fonte de conhecimento e, como tal, tem prioridade sobre as outras faculdades do espírito, como a sensação, a intuição, o instinto etc.

Como o Espiritismo não considera a razão como a única fonte de conhecimento, tal expressão não encontra aplicação em nossa Doutrina.

RACIONALISMO — Corrente filosófica que considera a razão como fonte única do conhecimento humano.

Historicamente, sucede à Idade Média, contra cujas ideias se insurge como reação lógica. Tem por pai, Descartes.

Segundo a teologia racional, até a fé e a própria revelação devem ser consideradas unicamente à luz da razão.

Kardec recebeu dessa corrente de pensadores influências assaz benéficas, a ponto de fazer do Espiritismo a Doutrina da fé raciocinada.

O Espiritismo não considera a razão como fonte única de conhecimento humano,

como preceitua o Racionalismo, pois leva em conta também a intuição, a inspiração, a mediunidade, a revelação etc., mas os conhecimentos hauridos desses aspectos somente são por ele reconhecidos como legítimos, se aceitos pela razão.

SENSUALISMO (ou sensismo) —

Doutrina segundo a qual os sentidos são a única fonte de nossos conhecimentos. E não apenas a fonte única de nossos conhecimentos, senão também os juízes únicos de sua validade.

Ora, o mundo exterior, estimulando os órgãos dos sentidos, provoca **sensações** (calor, perfume, som etc.) identificadas pela mente através do fenômeno da **percepção**. Resulta disso a aquisição de um conhecimento intelectual.

Se um objeto, como uma maçã, excita, por suas características, a visão (cor), o olfato (odor) e o paladar (gosto), temos um complexo de sensações que, devidamente associadas, resultam no **conceito**, que é um conhecimento muito mais avançado.

A adequada associação desses conhecimentos leva, enfim, à Ciência.

Cumpra indagar se, como dizem os sensualistas, os sentidos são a **única** fonte do conhecimento.

KANT (1724-1804), que marcou época, afirma que não é assim; ele sustenta a tese da existência do “conhecimento puro” (dito “a priori”), isto é, anterior e independente do uso dos sentidos e da experiência.

Ora, segundo Kardec, o Espírito possui em si mesmo, a faculdade de todas as percepções (“O Livro dos Espíritos” - perg. 257). Com isto, ele endossa a existência dos fenômenos psicológicos de que estamos tratando, endossa também a tese do conhecimento puro, de Kant, dando-lhe as bases e rejeita a ortodoxia dos sensualistas, sem negar o papel espiritual da experiência.

SPENCER (Herbert) (1820-1903) — Grande figura do Positivismo inglês.

Menos ortodoxo que Comte, proclama a realidade de um princípio absoluto, acima de nosso mundo empírico, afirmando que a

existência de toda realidade é sustentada por “misteriosa força”.

Não obstante, fiel aos princípios positivistas, recusa-se a tecer considerações que envolvem problemas de ordem metafísica ou religiosa, que considera impossíveis de serem cientificamente experimentáveis e demonstráveis: é o “**incognoscível**” (o que não pode ser conhecido). Enquanto assim dizia, Kardec esmiuçava o mundo dos espíritos e devassava o incognoscível spenceriano.

Guardará, porém, a Doutrina Espírita algum ponto de contato com o pensamento de Spencer? Decerto que sim, ao reconhecer a nossa provisória impossibilidade de definir determinados conceitos, como os relacionados com a ideia de Deus e do princípio das coisas. Mesmo assim, não nos é defeso especular sobre tais temas, nem sobre eles sugerir hipóteses.

Grande rasgo de intuição spenceriana foi a visão cósmica que teve a respeito da evolução, antes e mais extensamente que Darwin: para Spencer, tudo caminha para a unidade. Isto se identifica, naturalmente, com

“o respiro do Universo”, no dizer de Pietro Ubaldi,⁷ com a teoria da evolução das espécies, segundo Darwin, e com a gênese orgânica e a espiritual, de que trata Kardec.

TIPTOLOGIA (do grego *typtô* “bater”)

— Nome dado ao processo adotado para se estabelecer diálogo entre encarnados e desencarnados, através de pancadas em geral, e, mais especificamente, com o auxílio de uma mesa, como as chamadas “mesas girantes”. Lembramos que, por mesa girante deve entender-se aquela que, rodeada de experimentadores, inclina-se, sem causa aparente, registrando urna pancada no solo, ao reassumir a horizontalidade.

O teor do que se deseja comunicar é obtido letra por letra. Por uma das convenções adotadas, um dos experimentadores irá recitando o alfabeto até que, atingindo a letra conveniente, a mesa a assinale com uma pancada. Reunidas as letras, ter-se-ão as frases.

⁷ Pietro Ubaldi (1886-1972), filósofo espiritualista italiano, é autor de 24 obras sobre filosofia e religião. (**Pense**).

É um método muito moroso que os Espíritos elevados não apreciam, habituados que estão a se comunicarem uns com os outros, no plano espiritual, com os recursos do pensamento.

UNIVERSALISMO — Tendência que consiste em encarar cada coisa em particular em função de uma visão global, abrangente, universal.

No Universalismo teológico, considera-se que Deus não faz acepção de pessoas ou criaturas, mas antes quer que todos se salvem.

Ora, o Espiritismo se enquadra nesses dois itens:

a) Seus postulados são universalmente aplicáveis;

b) Entende que o destino do Espírito é a felicidade suprema (inexorabilidade da evolução anímica; rejeição à teoria das penas eternas).

O Espiritismo guarda, portanto, características universalistas.

DIAGRAMAÇÃO, ARTE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO



INSTITUTO MARIA
DEPARTAMENTO EDITORIAL
Rua São Mateus, 1001
36100 - Juiz de Fora - MG
CGC 21 583 091/0002 - 96
IE 367 219 462/006

Pedidos de Fitas e Livros ao

Instituto Maria - Rua São Mateus 1001
36 100 - Juiz de Fora-MG

Atendemos pelo Reembolso Postal.
Preços e condições especiais para Clubes de Livro,
Distribuidores, Centros Espíritas e Livrarias.

Digitalização e Notas:

PENSE - Pensamento Social Espírita
www.viasantos.com/pense
Novembro de 2010.